BIBLIOTECA
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

SOBRE A SAUDAÇÃO DE CARLOS CHAGAS AO SUMO PONTÍFICE

DJACIR MENEZES

Na última sessão deste Conselho houve por bem o eminente colega Carlos Chagas trazer ao nosso conhecimento a límpida saudação que fez ao grande Papa João Paulo II, na audiência solene da Academia Pontifícia de Ciências, a 12 de novembro do ano passado.

Este tardio e fatigado heresiarca provinciano acima assinado, que anda a escrever seu testamento filosófico sob o título de *Idéias para uma filosofia de transição sem transação* (mas onde trescala ingênua admiração pela figura extraordinária de João Paulo II), decidiu manifestar a impertinência de seu aplauso ao ilustre colega. Reconhece de antemão que raros valores poderiam tão legitimamente falar, no alto concílio vaticano de sábios, pela grei científica do Brasil.

Com estas singelas palavras descredenciadas e honestas, abro espaço para algumas cogitações dignas de serem ouvidas e mesmo rechaçadas.

O Santo Padre realçou, numa citação oriunda da segunda edição do *Philosophiae naturalis principia mathematica*, de Newton, o "desígnio e a força de um Ser inteligente" a que as religiões habitualmente atribuem o Governo do mundo. Infelizmente ainda resido no limbo dos newtonianos que, ofuscados pelo agnosticismo, não conseguem soletrar esse desígnio que a Fé descobre na "imanência das coisas". A resposta clássica de Laplace a Napoleão sobre a hipótese cosmogônica obnubila os espíritos desfavorecidos, vítimas da miopia laplaciana — e eles continuam aparecendo sempre na história do pensamento.

A idéia luminosa que irradia de toda ação e pregação do excelso Pontífice, acima de todas as rivalidades humanas, é a idéia de Paz:

"A Ciência a serviço da Paz deve-se inclinar também sobre as relações entre o comportamento individual e o comportamento coletivo, é uma relação cuja complexidade ainda não foi desvelada e, portanto, seria importante conhecer seus mecanismos biológicos e sociais na medida em que possam ameaçar a Paz."

Vamos à raiz de nossa dúvida. Não há mecanismos biológicos ou físico-naturais que ameacem a Paz entre as nações. O que há são organizações de dinastias financeiras internacionais, movendo controles tentaculares através de fronteiras que outrora marcavam soberanias e hoje, deterioradas, marcam territórios. Tais estruturas condicionam tudo — comportamento coletivo, instituições, informáticas, geopolíticas, universidades, colonialismos tecnológicos, destruições de culturas nacionais, imperialismos industrialistas. Diante dessas forças (que qualificaria de "satânicas" se a mitologia não estivesse tão fraca), não passo de um simples filosofante sem auditório, que perdeu pela aposentadoria suas cátedras universitárias e respeita apenas, na intimidade crepuscular de sua consciência de septuagenário, o compromisso de não fugir ao dever da verdade, sempre machucada pelos ismos rompantes.

Consolaram-me estes dizeres de Mestre Carlos Chagas:

"Nós propomos que, acima dos jogos políticos, das paixões nacionais, das ambições geopolíticas, dos egoísmos das classes dirigentes, advirá a esperança

a esta imensa parte da humanidade que começa a desesperar por causa da secura dos corações da outra parte do mundo."

Corajosas e belas palavras! Tenho para mim, porém, que o desespero e a aflição, naquela denúncia, se envolve no eufemismo da "secura de coração", disfarçando o egoísmo lucrativo dos grupos possidentes insensibilizados às solicitações da fraternidade.

Vale a pena tentar escutar, em religioso silêncio, o que disse Einstein, a que voz do glorioso Pontífice deu ressonância universal, repetidas pelo nosso colega:

"A humanidade tem pleno direito de colocar os anunciadores de valores morais acima dos descobridores das realidades objetivas. O que a humanidade deve a Buda, a Moisés e a Jesus é muito mais importante que a vitória de pesquisas feitas pelos espíritos científicos."

Detenhamo-nos na reflexão pontifícia e nos presságios de seu descortino. Adverte S.S. que não basta a extinção dos focos de guerra: porque a Paz nasce da justiça, *opus institutio pax*: é a verdade máxima. Os egoísmos são apanágios exacerbados de regimes que amordaçam as inteligências, com a inversão dos valores humanos na preparação criminosa das guerras. O ateu Bertrand Russell e outros sábios do mesmo naipe denunciaram, convictos, que só a Razão, isenta de superstições interesseiras, poderia estancar a fonte das injustiças, que envenenam as relações sociais e tornam a fraternidade dos homens uma quimera refugiada em céus de ilusão e esperança sempre renovadas pelas iniqüidades e pelo sofrimento.

Alimentada por anos de estudos, a honestidade destas convicções aqui expostas revive na perplexidade e nas esperanças com que nos acena o Sumo Pontífice. Mas como atender àqueles apelos sem reformar as relações humanas que fundamentam os regimes? Regimes que estão apagando cada vez mais os valores essenciais de um cristianismo esquecido da realidade atual da história, enquanto a Excelsa figura, nos horizontes que se fecham, procura acender as résteas de esperança para aquele céu do Poeta — "céu que foge à mão que se levanta?"

Reembolso Postal:
uma livraria em cada cidade

prático, rápido, seguro